

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM POLÍTICAS PÚBLICAS DE JUSTIÇA
CRIMINAL E SEGURANÇA PÚBLICA

BRUNO LEONARDO DE ARAUJO SANTANA

**AS MUDANÇAS NA POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
(PMERJ) A PARTIR DAS MANIFESTAÇÕES POPULARES DE JUNHO DE 2013 -
A CRIAÇÃO DO BATALHÃO DE POLICIAMENTO EM GRANDES EVENTOS**

Niterói
2015

BRUNO LEONARDO DE ARAUJO SANTANA

**AS MUDANÇAS NA POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
(PMERJ) A PARTIR DAS MANIFESTAÇÕES POPULARES DE JUNHO DE 2013 -
A CRIAÇÃO DO BATALHÃO DE POLICIAMENTO EM GRANDES EVENTOS**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao curso de Especialização de
Políticas Públicas de Justiça Criminal e
Segurança Pública, como requisito parcial
para conclusão do curso.

Orientadora:
Prof.^a Dr.^a Jacqueline Muniz

Niterói
2015

BRUNO LEONARDO DE ARAUJO SANTANA

**AS MUDANÇAS NA POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
(PMERJ) A PARTIR DAS MANIFESTAÇÕES POPULARES DE JUNHO DE 2013 -
A CRIAÇÃO DO BATALHÃO DE POLICIAMENTO EM GRANDES EVENTOS**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao curso de Especialização de
Políticas Públicas de Justiça Criminal e
Segurança Pública, como requisito parcial
para conclusão do curso.

Aprovada em 27 de agosto de 2015.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Jacqueline Muniz (Orientadora) - UFF

Prof^a. Ms^a. Izabel Nuñez - UFF

Niterói
2015

Dedico essa conquista a todos meus familiares e amigos que de alguma forma contribuíram para meu crescimento pessoal, profissional e intelectual. Acredito ter dado mais um passo para a eternidade.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os meus comandantes e comandados e todos que ombrearam comigo nas fileiras da corporação.

Deixo meu respeito e admiração pelos meus docentes da Universidade Federal Fluminense.

Em especial agradeço a minha companheira Ellen Paixão pela paciência e motivação dispensadas a mim nas horas mais difíceis desta jornada.

Posso não concordar com uma palavra que disseste, mas
defenderei até a morte o direito de dizê-las.
(Voltaire, Séc. XVIII).

RESUMO

Relata o nascimento de um grupamento e posterior batalhão da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro especializado em atuar com multidões e grandes eventos no intuito de garantir a manutenção da ordem pública. Objetiva demonstrar a eficácia da atuação deste batalhão. Ressalta a importância da gestão de multidões. Apresenta os equipamentos utilizados pela tropa para sua proteção pessoal. Conclui que a grande inovação deste batalhão foi sua atuação sem utilização de armamento letal.

Palavras-chave: Multidão. Grandes Eventos. Manifestação. Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –	Uso da internet por regiões.....	8
Figura 2 –	Modelo do uso da força.....	13

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BPChoq	Batalhão de Policiamento de Choque
BPGE	Batalhão de Policiamento em Grandes Eventos
CAGE	Curso de Ações em Grandes Eventos
COE	Comando de Operações Especiais
EPI	Equipamento de Proteção Individual
GPPM	Grupamento de Policiamento de Proximidades de Multidões
MDPM	Métodos de Defesa Policial Militar
PMERJ	Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	1
2	FATOR MOTIVACIONAL	4
3	FATOS QUE ANTECEDERAM AS MANIFESTAÇÕES	7
4	O GOVERNO CABRAL	11
5	OS CONFRONTOS ENTRE A POLÍCIA E MANIFESTANTES, A EXONERAÇÃO DO COMANDANTE GERAL DA PM E RENUNCIA DE CABRAL EM 03 DE ABRIL DE 2014	13
6	GESTÃO DE MULTIDÕES, EPI E A COPA DO MUNDO DE 2014	17
7	O FIM DO BPGE	23
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
	REFERÊNCIAS	26

1 INTRODUÇÃO

Com o objetivo de controlar e manter a ordem pública nas ruas do Rio de Janeiro frente a um novo cenário de crescentes manifestações populares que eclodiam nas ruas da Capital em meados de junho de 2013, o Comando da PMERJ decidiu criar um grupamento de policiais destinados especificamente ao acompanhamento das referidas manifestações. Nascia então o GPPM - Grupamento de Policiamento de Proximidades de Multidões.

Este novo grupo se destacava dos demais policiais pela sua forma de atuação frente às manifestações, uma vez que abandonava o velho modelo de observação e ação reativa, tão peculiar ao restante da tropa, passando a adotar um comportamento pautado no acompanhamento das manifestações, onde os policiais se deslocavam inseridos nos grupos de manifestantes, dando ênfase a ação preventiva.

Por conta de ostentarem em seus coletes e coberturas uma combinação de letras e números, ao invés da tradicional identificação nominal comum aos demais integrantes da PMERJ, logo foram denominados pela mídia em geral de “alfanuméricos”.

O GPPM, em seu início, foi composto por um grupo de policiais com treinamento em artes marciais, mais especificamente instrutores do MDPM (Métodos de Defesa Policial Militar), que contavam com o reforço de um grupo de cerca de 100 policiais recém-formados, lotados neste novo grupamento, onde passaram a receber treinamento diário pelos referidos instrutores.

Esse Grupamento nasceu com a difícil missão de promover uma quebra de paradigma no que dizia respeito à forma de atuação da polícia frente a um novo contexto social que surgia, onde a cada dia que se passava crescia o número de passeatas e reivindicações populares. Esse novo modelo consistia na idéia de que os policiais e manifestantes não deveriam mais estar em lados opostos. Com o objetivo de minimizar a situação de enfrentamento, dentro desse novo conceito, a tropa deveria atuar junto, ou melhor, ao lado dos manifestantes acompanhando toda a manifestação, no sentido de garantir que o direito de manifestação pudesse ser exercido, mas com a manutenção da ordem pública.

O crescente número de manifestações populares legalmente instituídas com base em previsão constitucional dentro de regras previstas foi servindo, entretanto, de cenário

para grupos com interesses diversos que se infiltravam entre a população ordeira que apenas reivindicava seus direitos. Encontravam-se vários subgrupos denominados de Black Blocs, que geralmente se apresentavam nas manifestações com os rostos cobertos por toucas, ou ainda roupas pretas. Tais grupos, por diversas vezes, se aproveitavam do momento para promover atos de vandalismo, onde não raro o resultado era um cenário de destruição do patrimônio público e privado.

Diante dessa nova realidade social o Comando da Corporação realizou uma série de reuniões com o objetivo de traçar uma estratégia que resultasse em uma resposta eficaz ao problema que se tornava cada dia mais corriqueiro. Dentro desse contexto, em outubro de 2013, o nível estratégico da PMERJ toma a iniciativa de movimentar para o Batalhão de Policiamento de Choque (BPChoq) cerca de 500 Policiais de várias Unidades da Corporação. Cabe ressaltar que tal movimentação foi elaborada dentro de certos critérios onde o mais importante deles consistia numa determinação do Comando Geral de que as diversas Unidades da PMERJ deveriam apresentar parte do seu efetivo e que dentro de todo esse efetivo movimentado só poderiam figurar policiais que estivessem no comportamento bom.

Nesta transferência de efetivo para o Batalhão de Choque, o Comando da Corporação abria caminho para a criação do BPGE (Batalhão de Policiamento em Grandes Eventos), um novo batalhão voltado especificamente para a atuação junto às grandes multidões. O BPGE não se destina a coibir as manifestações populares, muito pelo contrário, a tropa se destina a proporcionar à sociedade a possibilidade de que as reuniões populares transcorram de forma pacífica, onde sejam respeitados os direitos constitucionais de todos os cidadãos, sejam eles manifestantes ou não.

A missão do BPGE pode ser traduzida como “garantir a manutenção da ordem pública e a livre manifestação quando do monitoramento, acompanhamento, organização e eventual intervenção em manifestações populares”.

Desde a criação do GPPM, a tropa utiliza as instalações do Regimento Marechal Caetano de Faria, mesmo aquartelamento do BPChoque, porém com comandos independentes.

Por suas reconhecidas atuações, o Comando da Corporação decidiu em janeiro de 2014 criar no organograma da PMERJ o BPGE. Devido ao esforço do Comando e de sua tropa, esta Unidade teve sua atuação reconhecida pelo Comando da PMERJ, que passou a investir na aquisição dos equipamentos necessários ao seu bom desempenho.

Dentro desse contexto foram adquiridos viaturas e materiais considerando o que há de mais moderno no mercado em matéria de proteção da tropa. É o caso das novas armaduras especiais EPI (Equipamento de Proteção Individual), que logo receberam o apelido por parte da imprensa de robocop, além da concessão de gratificação pecuniária para a tropa.

Atualmente o BPGE se encontra alocado na antiga sede do 1º BPM. O Comando da Unidade preocupado com a necessidade de capacitação de sua tropa promove treinamentos semanais para o efetivo, bem como conseguiu criar um curso específico para a tropa: o CAGE (Curso de Ações em Grandes Eventos), que é ministrado por policiais pertencentes ao próprio efetivo da Unidade.

2 FATOR MOTIVACIONAL

Escolhi esse tema por ser contemporâneo e por ter vivido a experiência de estar dentro de uma grande multidão por várias vezes nesses últimos dois anos. A dificuldade para desenvolver esse tema foi o fato de eu nunca ter feito parte, realmente integrante, de uma manifestação, pois apesar de ter me sensibilizado com muitas das causas, denúncias e reivindicações, sempre estive do lado “oposto”, pois como Oficial da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro sempre estive representando o Estado, portanto busquei dados e informações em autores e em experiências alheias.

A pesquisa terá como ponto de partida os casos vivenciados pela Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro (PMERJ) a partir das Manifestações de Junho de 2013.

O que me levou a desenvolver a pesquisa nessa área de conhecimento foram as mudanças por mim observadas na corporação ao longo desses dois anos, me levando a fazer uma análise mais apurada dos fatos a partir das mudanças drásticas sofridas, como a exoneração do comandante Geral da Corporação e a criação de um grupo especializado em grandes multidões.

A fim de provar que foi preciso se reorganizar para uma adaptação à nova realidade social, busquei como tema principal da pesquisa as mudanças realizadas na sua estrutura de enfrentamento com manifestantes. O tema já está delimitado pelo tempo que isso ocorre, pois os fatos são muito contemporâneos a se tratar que aconteceram há aproximadamente dois anos. Contudo fiz a pesquisa para poder tornar público todo esforço dispensado pela corporação a fim de se adaptar as novas tendências sociais, pesquisei os métodos outrora utilizados, fazendo uma comparação com o que hoje se aplica ao novo método de gestão de multidões.

As perguntas que fazemos são: As mudanças feitas pela PMERJ para gestão de multidões surtiu o efeito desejado? Por que a Polícia Militar foi tão criticada durante as manifestações de 2013? Qual a função do Batalhão de Policiamento em Grandes Eventos? Qual a função do Batalhão de Choque hoje? É realmente necessário que a tropa de Gestão de Multidão trabalhe sem o armamento letal? Qualquer tropa pode gerir multidão ou é preciso uma qualificação específica? Qual o perfil do policial que trabalha com a gestão de multidões?

Essa pesquisa trata de experiências particulares e contemporâneas, analisadas a partir da visão acadêmica dos conteúdos estudados no Curso de Especialização em Políticas Públicas de Justiça Criminal e Segurança Pública da Universidade Federal Fluminense (UFF), conhecimentos empíricos e documentais e entrevistas com policiais militares que participaram de todas as transformações acontecidas na PMERJ durante minha pesquisa, abordando as mudanças estruturais e técnicas da corporação.

Analisando o caráter histórico que antecede as manifestações de junho de 2013, pude observar que todas as insatisfações sociais, políticas e civis, culminaram na grande manifestação do dia 21 de junho de 2013, chegando a aproximadamente 1 (um) milhão de pessoas em 28 (vinte e oito) cidades do Brasil, segundo estatísticas das Polícias Militares e do Datafolha de São Paulo.

As reivindicações giravam entorno da busca de uma cidadania plena expressa claramente pelo texto “**A Questão da Cidadania**”, escrito pela professora Luciane Patrício, onde ela diz que no Brasil, a construção da cidadania se confunde com a luta pela democracia (abertura política em 1985) e produz uma tipologia que define que a cidadania plena pode ser dividida em três conjuntos de direitos:

- Direitos civis: fundamentais à vida, à liberdade (de ir e vir, de imprensa, de pensamento, de fé), à propriedade, à igualdade perante a lei

- Direitos políticos: direito à participação do cidadão no governo da sociedade

- Direitos sociais: educação, trabalho, salário justo, saúde, aposentadoria, segurança

A cidadania civil, política e social pode ser chamada de cidadania plena.

Contudo, a professora Jacqueline Muniz diz no seu texto “**Sociedade e protestos sociais: Perspectivas para a segurança pública**” que “no Brasil, a necessidade de repensar os fins, meios e modos de atuação dos meios de força policiais, em especial o controle das manifestações sociais, eventos de massa, etc., se oculta diante da escolha política por medidas incrementais em lugar da reforma do sistema policial, cuja última intervenção estrutural foi em 1969”.

Outrora, a professora tenha previsto a necessidade de uma reforma do sistema policial, tal questão se deu devido aos questionamentos sofridos pela Polícia Militar em relação ao *modus operandis* no tratamento com o manifestante, a partir dessa observação negativa a instituição foi obrigada a se readaptar a nova realidade social, política e civil, relacionada à velocidade de informações vinculada à internet e as redes sociais, onde o usuário tem a liberdade de se expressar, analisar e definir os seus próprios conceitos.

3 FATOS QUE ANTECEDERAM AS MANIFESTAÇÕES

O ano de dois mil e treze no Brasil foi marcado por manifestações de rua, a renúncia do Papa Bento XVI, as prisões do mensalão, a queda do empresário Eike Batista, dentre um conjunto de acontecimentos.

“Os mágicos das finanças passaram de objetos de inveja pública a alvos do desprezo universal. Políticos viram-se expostos como corruptos e mentirosos. Governos foram denunciados. A mídia se tornou suspeita. A confiança desvaneceu-se. E a confiança é o que aglutina a sociedade, o mercado e as instituições. Sem confiança nada funciona. Sem confiança o contrato social se dissolve, e as pessoas desaparecem, ao se transformarem em indivíduos defensivos lutando pela sobrevivência. Entretanto, nas bordas de um mundo que havia chegado ao limite de sua capacidade de propiciar aos seres humanos a faculdade de viver juntos e compartilhar sua vida com a natureza, mais uma vez os indivíduos realmente se uniram para encontrar novas formas de sermos nós, o povo. De início, eram uns poucos, aos quais se juntaram centenas, depois se formaram redes de milhares, depois ganharam o apoio de milhões, com suas vozes e sua busca interna de esperança, confusas como eram ultrapassando as ideologias e a publicidade para se conectar com as preocupações reais de pessoas reais na experiência humana real que fora reivindicada. Começou nas redes sociais da internet, já que estas são espaços de autonomia, muito além do controle de governos e empresas, que, ao longo da história, haviam monopolizado os canais de comunicação como alicerces de seu poder. Compartilhando dores e esperanças no livre espaço público da internet, conectando-se entre si e concebendo projetos a partir de múltiplas fontes do ser, indivíduos formaram redes, a despeito de suas opiniões pessoais ou filiações organizacionais. Uniram-se. E sua união os ajudou a superar o medo, essa emoção paralisante em que os poderes constituídos se sustentam para prosperar e se reproduzir, por intimidação ou desestímulo – e quando necessário pela violência pura e simples, seja ela disfarçada ou institucionalmente aplicada. Da segurança do ciberespaço, pessoas de todas as idades e condições passaram a ocupar o espaço público, num encontro às cegas entre si e com o destino que desejavam forjar, ao reivindicar seu direito de fazer história – sua história –, numa manifestação da autoconsciência que sempre caracterizou os grandes movimentos sociais. Os movimentos espalharam-se por contágio num mundo ligado pela internet

sem fio e caracterizado pela difusão rápida, viral, de imagens e idéias” - (Castlles, “Redes de indignação e esperança”, 2013).

Para quem viveu o ano de dois mil e treze no Brasil e lê esse trecho do texto de Castlles, pode até acreditar que ele esteja falando do Brasil no ano de dois mil e treze, porém não está, na verdade ele esta falando da crise na Europa e Estados Unidos em 2011, esta percepção de proximidade acontece porque vivemos numa sociedade global e os nossos anseios, insatisfações, inquietações, clamam por justiça, e acabam tomando voz com o uso da internet e dos sites de relacionamento, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a proporção de internautas no país passou de 49,2%, em 2012, para 50,1%, em 2013, do total da população. As informações fazem parte da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) referente a 2013¹.

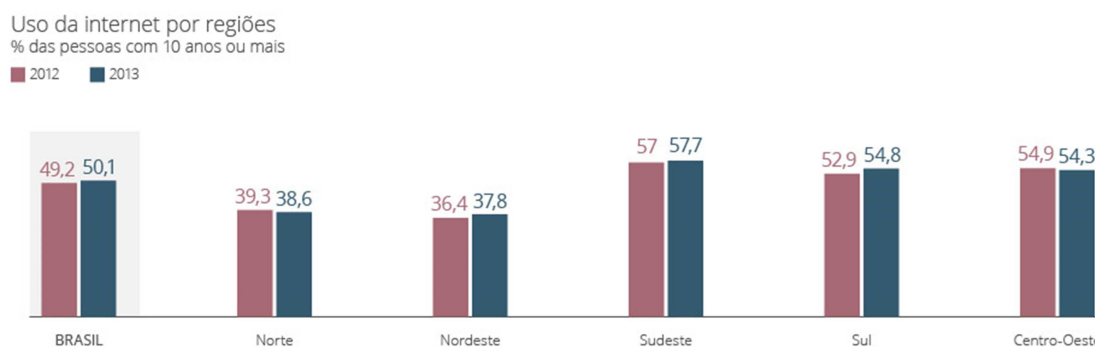


Figura 1 – Uso da Internet por regiões. (*IBGE, 2013)

Contudo esse grande número de conectados foi se relacionando através das redes sociais e através de páginas nas redes de relacionamento foram se mobilizando, colocando suas insatisfações, anseios, sonhos, revoltas e todo sentimento que estava entalado e oprimido dentro de cada cidadão da sociedade brasileira. As pessoas criam eventos, convocam seus amigos, compartilham vídeos e fotos e, em decorrência disso, surge uma sequência avassaladora de passeatas, incluindo o grande encontro do dia 17 de junho, que aconteceu em diversos Estados brasileiros, simultaneamente, resultando em milhares de indivíduos protestando nas ruas. Segundo site On Markiting Digital, focando na “questão online” da coisa, os dados são extraordinários:

¹ <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2014/09/mais-de-50-dos-brasileiros-estao-conectados-internet-diz-pnad.html>. 13/07/2015

- No domingo (16 de junho de 2013), foram mais de 6.674 tweets com a hashtag “#protestorj” desde às 16h;
- De acordo com o Topsy, nos últimos dois dias, foram mais de 10 mil tweets com a hashtag “#changebrazil”;
- No dia 17 de junho de 2013, ficou nos Trending Topics mundiais a hashtag “#AbaixoRedeGloboPovoNaoÉBobo”, uma crítica à emissora por supostamente boicotar as manifestações;
- O vídeo sobre como a brutalidade da polícia marcou o protesto em São Paulo, produzido pela Folha de São Paulo – que apresenta o relato da jornalista Giuliana Vallone (atingida por uma bala de borracha no olho) – tem mais de 1.470.000 visualização e 19 mil curtidas no YouTube¹;
- No Instagram, foram mais de 7.800 fotos compartilhadas com a hashtag “#protestosp”;
- Foram criados mais de 136 eventos no Facebook convocando as pessoas para participarem dos protestos em cidades brasileiras somente no dia 17 de junho de 2013. No exterior, foram 47;
- Já são mais de 16.700 compartilhamentos no post do Portal Terra sobre os manifestantes na rampa do Congresso;
- Algumas expressões viralizadas nas manifestações foram retiradas de comerciais – como é o caso de “Vem pra rua” (em referência ao comercial da Fiat que já tem mais de 89.100 exibições no YouTube) e “O Gigante Acordou” (uma alusão ao comercial do Johnnie Walker, com mais de 793.550 views na mesma rede).

Vale destacar, ainda, o Mapa colaborativo desenvolvido para aqueles interessados em ir aos protestos. Através de sites, é possível ver e enviar relatos das manifestações em todo o Brasil, a fim de alertar aos participantes sobre que está acontecendo de mais relevante em cada região. A verdade é que este foi o movimento do tipo que mais repercutiu na internet brasileira e, em termos de mobilização popular, está bem próximo de alcançar o marco dos “Caras-Pintadas” – última grande manifestação do povo brasileiro – já que outros encontros estão marcados para acontecer em breve.

¹<https://www.youtube.com/watch?v=W6QVLE8PQJ8&feature=youtu.be>. 13/07/2015

E, afora qualquer opinião pessoal, não há dúvidas de que esse é um novo marco para o país, no qual a internet e seus colaboradores não podem mais ser desconsiderados. A internet tem força, as redes sociais têm força, e elas estão construindo uma nova ponte de informação e interação entre a população. Nesse cenário, o engajamento é o elo e a atitude, o grande instrumento de transformação.

4 O GOVERNO CABRAL

Após a série de protestos realizados no Brasil em junho de 2013, no Rio o movimento contra o governador do Estado do Rio de Janeiro ganhou força e tomou conta pelas ruas. Chamado de Ocupa Cabral, um movimento de jovens políticos e suprapartidários passou a ocupar as ruas Aristides Espínola, onde mora Sérgio Cabral, e Delfim Moreira, ambas no Leblon, bairro com o metro quadrado mais caro do Brasil. O grupo manifestava-se contra o governador por considerar autoritária a sua forma de administrar o Estado do Rio de Janeiro, utilizando o cargo para interesses próprios, e por suspeitas de corrupção em sua gestão. Dentre os pontos específicos, o movimento protestava contra:

- A relação do governador com vários empresários, como Eike Batista, que participou do grupo vencedor da concessão do Estádio do Maracanã, pelo prazo de 35 anos¹ 2 ;
- O uso de helicópteros do Estado para fins pessoais (inclusive para transportar o cachorro de seu filho)³ ;
- A mulher de Cabral ser sócia-proprietária de um escritório de advocacia que presta serviço a empresas concessionárias de transporte público do Rio, como a SuperVia⁴ e o Metrô Rio⁵;
- A brutalidade da Polícia Militar.
- O favorecimento ao seguimento das empresas de ônibus principalmente querendo acabar com as vans de lotação de transporte alternativo que tinha um apoio político do ex-governador Anthony Garotinho.

¹ <http://globoesporte.globo.com/futebol/copa-das-confederacoes/noticia/2013/05/grupo-de-eike-e-habilitado-e-vence-processo-de-licitacao-do-maracana.html>, 13/07/2015

² <http://oglobo.globo.com/rio/sergio-cabral-viajou-em-jato-de-eike-para-festa-de-empresario-com-quem-tem-contratos-de-1-bilhao-2873126>, 13/07/2015

³ <http://www.jb.com.br/rio/noticias/2013/07/06/sergio-cabral-e-os-voos-da-alegria/> 13/07/2015

⁴ <http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,sergio-cabral-volta-a-beneficiar-cliente-de-sua-mulher,534053> 13/07/2015

⁵ <http://noticias.terra.com.br/brasil/politica/veja-escritorio-de-mulher-de-cabral-multiplica-receita-com-concessionarias,7f2cc354dfd80410VgnVCM4000009bcceb0aRCRD.html> 13/07/2015

- As relações do governador de favorecimento ao presidente do Comitê Olímpico Brasileiro Carlos Arthur Nuzman desde os Jogos Pan-Americanos de 2007 e os Jogos Olímpicos de Verão 2016 que destruiu o autódromo de Jacarepaguá de onde a população é contra estes eventos esportivos e a truculência do governador contra greves de bombeiros e professores e servidores públicos e do descaso com a saúde e educação em que toda a verba do Estado está sendo entregue para o COB.
- A recepção para o Papa, em 22 de julho de 2013, no Palácio Guanabara, Rio de Janeiro, foi marcada por protestos no entorno¹. Com todos esses problemas, a popularidade de Cabral caiu drasticamente. Em novembro de 2010, o governador tinha 55% de aprovação da população fluminense². Em junho de 2013, o índice despencou 30 pontos, passando a 25%. Em julho de 2013, caiu ainda mais e, com 12% de aprovação, Cabral obteve a pior avaliação entre os governadores dos estados brasileiros³. Em novembro de 2013, uma nova pesquisa apontou pequena recuperação, e a aprovação do governo Cabral passou a 18%⁴.

¹ <http://odia.ig.com.br/noticia/jornadamundialdajuventude/2013-07-22/manifestacao-no-palacio-guanabara-tem-tumulto-entre-pms-e-ativistas.html> 13/07/2015

² <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2013/07/aprovacao-de-sergio-cabral-cai-de-55-para-25-aponta-datafolha.html> 13/07/2015

³ <http://www.jb.com.br/rio/noticias/2013/07/24/a-popularidade-de-sergio-cabral-despenca-para-12/> 13/07/2015

⁴ <http://oglobo.globo.com/brasil/ibope-crivella-lidera-no-rio-frente-de-garotinho-lindbergh-10881187> 13/07/2015

5 OS CONFRONTOS ENTRE A POLÍCIA E MANIFESTANTES, A EXONERAÇÃO DO COMANDANTE GERAL DA PM E RENUNCIA DE CABRAL EM 03 DE ABRIL DE 2014

Sem um treinamento específico, sem material apropriado, sem equipamentos de proteção individual, muitas vezes o policial se viu sem outra opção senão correr, recuar a não ser linchado e apedrejado por turbas enfurecidas e descontroladas, tendo como último recurso, ou melhor único recurso a arma de fogo, que segundo o modelo de uso seletivo da força utilizado pela PMERJ (Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro), Modelo Fletc (Federal Law Enforcement Training Center), seria o útil recurso a ser usado (vide vídeo)¹.



Figura 2 – Modelo do uso da força.

(*<http://agendadacidadania.blogspot.com.br/2008/04/tecnica-policial.html>)

Contudo, trabalhando numa linha tênue dos princípios constitucionais de legalidade, impessoalidade, moralidade, publicidade e eficiência, o policial militar se vê desprotegido por sistema que pune de forma inquisitória.

Isso permite identificar o mínimo da capacidade coercitiva numa dada sociedade, num dado contexto. Quem exerce o mandato policial tem que ser forte o suficiente para impor a solução policial nos termos em que a cidadania pactuada

consente. A viabilidade molecular do mandato policial depende da quase certeza dessa avassaladora assimetria coercitiva - (MUNIZ e PROENÇA JR., 2007), que assegura a conformação das atitudes dos cidadãos à solução policial autorizada (BAYLEY, 1994; SILVER, 2006).

Até meados de 2013 a PMERJ possuía somente um batalhão especializado para atuar em manifestações, o Batalhão de Policiamento de Choque que atuava e treinava da mesma maneira desde sua criação, destinando-se ao controle de distúrbios civis, atuando com uma política de enfrentamento, formando cordões de isolamento com escudos e policiais fortemente armados³, porém quando a tropa convencional era empregada e esta não tinha muita opção senão resistir bravamente as pedras e torcer para chegada com brevidade da tropa do Batalhão de Choque (vide vídeo)¹. Todavia essa política de enfrentamento foi se exaurindo e os questionamentos contra a forma de atuação do Batalhão de Choque foi aumentando, o povo gritava sem violência, sem violência!!! E cabia a comando da PMERJ, pensar num elemento mediador que antecederesse os confrontos com os manifestantes que em meados de 2013 se tornavam triviais, era preciso trabalhar de forma seletiva, pois as pessoas inocentes clamavam pelo seu direito de ir às ruas e manifestar de forma pacífica sem ser atingida por uma bala de borracha ou ter que respirar nuvens de gás lacrimogêneo.

Sem saber o que fazer, pressionado pela sociedade, pela imprensa e por deputados da oposição, o Governador Sérgio Cabral exonera Comandante Geral da PMERJ, Coronel Erir Ribeiro da Costa Filho, em 05 de agosto de 2013². Em entrevista ao jornal O Globo, o presidente da Comissão de Segurança Pública da OAB-RJ, Breno Melaragno, a anistia foi apenas mais um dos erros cometidos pela PM, à qual atribui uma série de falhas durante as últimas manifestações ocorridas no Rio.

— Sabemos da dificuldade que a PM encontra em seu trabalho, mas ela demonstrou muitas falhas nos protestos recentes. Falhou quando acusou entes da sociedade civil, como a OAB e o deputado Marcelo Freixo, de romperem um acordo que nunca existiu e falhou na atuação dentro das próprias manifestações: ora reprimia com extrema

¹ <https://www.youtube.com/watch?v=oHyfFeUT1-s> 13/07/2015

² <http://oglobo.globo.com/rio/exoneracao-de-comandante-da-pm-nao-muda-politica-de-pacificacao-diz-cabral-9363020> 13/07/2015

³ <https://www.youtube.com/watch?v=UE6K8YHIUbk> 13/07/2015

violência, ora desempenhava papel contemplativo, deixando a violência acontecer. A anistia foi apenas mais um erro — afirmou Melaragno³.

Mais uma vez a falta de governabilidade gerou a Accountability policial (MUNIZ e PONCIONI, 2011).

Foi diante desse cenário de caos social, político e administrativo que publica em no BOLPM de Agosto/2013, a transferência para o Batalhão de Choque de um grupo de policiais especializados e treinados em Métodos de Defesa Policial Militar (vide vídeo)¹, a fim de compor o Grupamento de Policiamento de Proximidade em Multidões, Comandado pelo Tenente Coronel Mauro Maciel, esse grupamento tinha a finalidade de trabalhar de forma seletiva e harmoniosa com os manifestantes, identificando o(s) indivíduo(s) que viesse a fazer qualquer ato de vandalismo e tomando de forma rápida e enérgica medidas para se fazer cessar tal ato e garantir o direito da livre manifestação dos que reivindicavam seus direitos de forma pacífica. Contudo, para que isso fosse possível era preciso se afastar do modelo de enfrentamento do Batalhão de Choque e portanto o GPPM atuava onde a Tropa de Choque nunca havia entrado, dentro da manifestação, lado a lado com o manifestante, identificados com letras e números, o que lhes rendeu o apelido de Alfa numéricos. Logo, atuando de forma seletiva, através de revista pessoal e identificação dos manifestantes a Polícia Militar passou a conhecer seus alcos e em consonância com o Ministério Público do Rio de Janeiro passou responsabilizar e prender quem liderava os atos de vandalismo.

Secretário de Segurança afirmou que há mais de 60 detidos em flagrante. Nesta terça (15), pelo menos 200 foram levados a delegacias, diz OAB-RJ.²

Com as prisões do dia 15 de outubro de 2013 as manifestações foram tomando um novo formato e o Batalhão de Choque foi saindo de cena, pois no mesmo mês eram movimentados cerca de 500 (quinhentos) policiais de diversas unidades a fim de compor o GPPM. Com isso o Batalhão de Policiamento de Choque passa a atuar mais na repressão ao tráfico de drogas em regiões deflagradas pela criminalidade (vide - <http://www.pmerj.rj.gov.br/?s=batalhao+de+choque>).

¹ https://www.youtube.com/watch?v=-WJhOgmX_2E 13/07/2015

² <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2013/10/beltrame-garante-esforco-para-punir-vandalos-flagrados-em-atos-no-rio>.

³ <http://oglobo.globo.com/rio/exoneracao-de-comandante-da-pm-nao-muda-politica-de-pacificacao-diz-cabral-9363020> 13/07/2015

Em 06 de janeiro de 2014, através do Diário Oficial do Estado do Rio de Janeiro, o Batalhão de Policiamento em Grandes Eventos (BPGE) foi constituído, tendo absorvido o efetivo do GPPM, sendo uma unidade Especializada e subordinada ao Comando de Operações Especiais (COE).

Contudo, mesmo com o restabelecimento da ordem e com o enfraquecimento das manifestações que começaram em meados de 2013, o governo Cabral não obtinha mais aprovação popular, já não podendo mais ser reeleito, pois já estava em seu segundo mandato, Cabral resolveu sair de cena e abrir caminho para o seu sucessor político, Luiz Fernando Pezão.

6. GESTÃO DE MULTIDÕES, EPI E A COPA DO MUNDO DE 2014

6.1 Gestão de Multidões

Segundo o seu Plano de Atuação de 04 de agosto de 2014, o BPGE exerce o ciclo completo de Gestão de Multidões, compreendido da seguinte forma:

1. **CONCENTRAÇÃO:** Momento que antecede a manifestação, onde a presença de policiamento especializado, realizando a segurança da área mediata, bem como a ação do GPPM na revista, onde houver fundada suspeita, de acordo com o art.244 do Dec. Lei N^o 3.689 de 03 de Outubro de 1941, Código de Processo Penal Brasileiro, inibindo a ação de grupos ou indivíduos que possam querer se valer legítimo direito de protestar, para realizar ações que visem a desordem pública bem como o cometimento de crimes.
2. **INÍCIO DA MANIFESTAÇÃO E DESLOCAMENTOS:** Momento em que o público envolvido inicia a reivindicação de sua pauta em local estático ou em deslocamento contínuo até outro ponto interesse, onde a presença da Polícia Militar visa garantir a segurança do público envolvido, bem como o legítimo direito de protestar, evitando ações de dano ao patrimônio público e privado e excessivos transtornos ao público não envolvido no evento.
3. **INÍCIO DAS TENSÕES:** Momento em que o público envolvido no protesto começa a agressão verbal ao policiamento presente no local, muitas vezes iniciando o estímulo a agressões e depredações, onde a presença de Policiamento preparado para não revidar as ofensas, bem como a presença de um negociador com as lideranças, deverá de forma técnica acalmar os ânimos para o retorno do protesto puro e simples sem desordem pública e cometimento de crimes.

4. **DEPREDAÇÕES, AGRESSÕES AO POLICIAMENTO E AÇÕES CRIMINOSAS:** Momento em que esgotadas todas as vias técnicas a manifestação se transforma em turba, onde a ação do BPGE deverá ser capaz de realizar prisões e através de equipamentos e técnicas, e deverá iniciar a dispersão da turba, até o limite técnico operacional da Unidade, precedendo a ação do BPChoq.

“ ... o termo “Gestão de Multidões” não é correto em se tratando de um Batalhão, quem gerir multidão é o Comando da Polícia Militar, o BPGE faz policiamento de proximidade...” (Oficial Superior com 24 anos de serviço, Grupo focal).

“...quando eu falo lá (se referindo ao Plano de Criação do BPGE) em gestão de multidões, eu dividi a gestão de multidão em fases...parti do princípio do que é Gestão, gestão de alguma coisa e multidão pela definição técnica de multidão...eu entendi que a unidade era uma unidade de gestão de multidão...se eu acho que o BPGE é uma unidade de gestão de multidão? Acho, bem...mas fiz da minha cabeça pegando da minha cabeça o que é “gestão” e o que é “multidão”, se já existe escrito eu não sei.” (Oficial Superior com 14 anos de serviço, Grupo focal).

“O termo “Gestão de Multidões” é relativamente novo, apesar do funcionamento das polícias nessa função ser bastante antigo. Podemos perceber que a polícia desde seu nascedouro faz gestão de Multidões. Relatando apenas um recorte histórico, (MELMAN, 2002, DEPOIS DO CAPITALISMO) retrata como foi traumática a passagem da economia feudal para o capitalismo moderno, “...camponeses e pequenos proprietários de terra foram expulsos de suas terras, as quais foram então cercadas, para serem utilizadas no lucrativo comércio de lã...” O primeiro ato de cercamento privado foi aprovado pelo parlamento inglês em 1710, nas três décadas até 1750, foram aprovados mais de cem atos. Ora essa população rural migrou para as nascentes cidades gerando grandes manifestações, controladas com muita força pela nascente polícia...contemporaneamente, na década de 90 a Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro cria o GEPE (Grupamento Especial de Policiamento em Estádio) com a missão específica de atuar no policiamento das multidões que compareciam aos estádios cariocas...finalmente o termo é citado na publicação inglesa: Managing Major Events - Best Practices From the Field” (Oficial superior com 24 anos de serviço).

“Eu ouvi o termo pela primeira vez em outubro de 2013 no dia a dia de trabalho entre os oficiais do BPGE, durante a adequação do tipo de policiamento novo que estava sendo criado para lidar com o novo fenômeno das grandes manifestações populares, com o objetivo de que ocorresse com segurança e evitasse danos ao patrimônio público e privado...do ponto de vista dos oficiais que atuam na unidade, o BPGE realiza a gestão de multidões enquanto ela se realiza de maneira ordeira e quando participantes não atendem as solicitações dos policiais do BPGE envolvidos e a manifestação se torna uma turba, é acionada a Unidade de Controle de Distúrbio (UCD) do BPChoq. No entanto, do ponto de vista do EMG (Estado Maior Geral) da corporação o BPGE realiza policiamento de proximidade de multidão e a PMERJ como um todo realiza a gestão de multidão com todas as unidades policiais envolvidas” (Oficial superior com 15 anos de serviço).

De acordo com a fala dos oficiais superiores é possível perceber que o termo “Gestão de Multidões” ainda é novo na PMERJ, e vem sendo falado frequentemente por policiais do BPGE a fim de definir um dos propósitos do jovem batalhão. Contudo, ainda não foi possível precisar ao certo de onde surgiu e quem trouxe esse termo para o dia a dia do BPGE.

6.2 EPI (Equipamentos de proteção individual)

O policial do BPGGE tem uma particularidade que o difere de todos os policiais de outros batalhões da PMERJ, os policiais que trabalham no seio da manifestação trabalham sem arma de fogo, excetuando-se os graduados e oficiais que representam menos de 10% do efetivo do batalhão, todavia os policiais do BPGGE utilizam uma armadura chamada de Necromongue, o que rendeu o apelido pela mídia de robocop. Essa armadura é feita de uma plástico resistente que absorve o impacto de uma pancada, ainda sim dispõe de armas não letais como espargidores de pimenta e lacrimogêneo, bastão, tonfa e armas de eletrochoque, além de treinamentos diários de MDPM.

No dia 30 de março de 2014, três meses antes do início da Copa do Mundo no Brasil, o repórter Vinícius Gôndola da Rede de TV Record, fez uma matéria com policiais do BPGGE e testou a armadura, podendo sentir na pele a sua eficiência. (vide vídeo - <http://noticias.r7.com/videos/policia-do-rj-vai-usar-armadura-de-robocop-em-manifestacoes-violentas/idmedia/5338cc210cf2df41d9792488.html>)

6.3 Copa do Mundo de 2014

No período de 21 de junho a 13 de julho de 2014 a tropa do BPGE foi utilizada de forma integral e exaustivamente, a fim de dar suporte a Copa do Mundo de Futebol Masculino que acontecia no Brasil e tinha como uma das cidades sede o Rio de Janeiro, quando tinha jogo no estádio do Maracanã a tropa era obrigada a se dividir em duas, uma fração seguia para o estádio e outra ia para praia de Copacabana onde havia uma grande arena montada, acontecendo vários shows e imensos telões onde passavam os jogos. Quando não havia jogo no Maracanã a tropa fica em Copacabana onde aconteciam os shows.

Entretanto, o momento mais esperado foi a final da Copa entre Argentina e Alemanha, para aquele momento prometia-se uma grande manifestação, divulgada nas redes sociais¹ pelo movimento “Não vai ter Copa”, onde os manifestantes andaria da praça Saens Peña, na Tijuca, até o estádio do Maracanã, e lá invadiriam o estádio. Somado a toda comoção nacional pela derrota humilhante da seleção brasileira que havia perdido de 7 x 1 para Seleção Alemanha na semi final.

Contudo, no dia 13 de julho de 2014 a Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro decidiu usar uma estratégia nova e ao invés de fazer o acompanhamento dos manifestantes, o BPGE junto com frações de outros Batalhões da PMERJ decidiu cercar os manifestantes e impedir o deslocamento, fechando os acessos às ruas próximas a Praça Saens Peña até término da partida. Logo, essa tática começou ser chamada de tática de envelopamento, passando a ser utilizada constantemente pelo BPGE, em outros eventos que se fez necessária.

“A partir da intensificação das manifestações violentas o termo envelopamento surgiu naturalmente com a adaptação do BPGE de acompanhar o ato com o objetivo de conter os elementos mais exaltados” (Oficial superior com 15 anos de serviço).

“...o termo foi cunhado no informal, envelopamento seria a questão de fechar a manifestação dentro da idéia de controle, porém acho que termo é informal, desconheço.” (Oficial superior com 14 anos de serviço).

¹ <https://www.facebook.com/events/604462056334887> 13/07/2015

Antes da final da Copa, em março de 2014 a Polícia Militar de São Paulo já utilizava o termo envelopamento, esse termo foi uma adaptação a tática kettling¹, utilizado pela polícia alemã, é uma tática policial usada para controlar multidões durante manifestação de protesto. Envolve a formação de largos cordões de policiais que se movem e empurram a multidão para confiná-la dentro de uma determinada área. Os manifestantes são impedidos de sair do cerco durante um intervalo de tempo arbitrado pela polícia - e que pode durar horas, sem que se possa ter acesso a alimento, água ou sanitários. Eventualmente, pode ser criada uma única opção de saída, devidamente controlada.

¹http://www.thestar.com/news/gta/g20/2010/06/29/kettling_police_tactic_controversial_everywhere_it_was_used.html 13/07/2015

7. O FIM DO BPGE

Em novembro de 2014 o Secretário de Segurança Pública, José Mariano Beltrame, troca o comando da PMERJ, sai José Luis Castro Menezes e entra Alberto Pinheiro Neto. Como é de praxe na PM, todo comandante que entra, troca comandos procurando emplementar na corporação o seu ritmo de trabalho. Com a ascensão do atual comandante o BPGE teve a sua legitimidade questionada, por ser um batalhão novo e um projeto do comando anterior.

“...com relação ao fim...eu acho que não tem que acabar, mas eu acho que como unidade de gestão de multidão, de controle de distúrbios civís, teria que ser uma unidade pertencente ao Batalhão de Choque e não independente, porque eu acho que a independência causa ruídos no controle de multidões...” (Oficial superior com 14 anos de serviço).

“Esse assunto surgiu pois as atuais autoridades entenderam que estava ocorrendo um conflito de funções entre o BPGE e o BPChoq, até eles conhecerem de fato o tipo de serviço que é realizado e mudassem de idéia...não acredito que o término do BPGE será melhor para PMERJ ou para sociedade fluminense, pois mesmo que outra unidade desempenhe o serviço, existem outros fatores que influenciam, como a cultura da unidade e os policiais envolvidos nesta modalidade de policiamento, foram “educados” a prestar esse serviço adaptado as mais atuais regras do sistema democrático em vigor, atuando desarmados e com extrema paciência e tolerantes as reivindicações populares” (Oficial superior com 15 anos de serviço).

“O comando da corporação para atender uma determinação do governo de cortar custos, aventou a possibilidade de desmobilizar o BPGE, passando parte de suas funções para o BPChoq, parte para o GEPE e retornando parte do efetivo as UOP (Unidade Ostensiva de Polícia). Foi despachada tal documentação para PM3 (setor administrativo estratégico) e verificou-se que a desmobilização não era a melhor alternativa. Dessa forma foram apresentadas outras alternativas ao comando da corporação e ao comando do BPGE” (Oficial superior com 24 anos de serviço).

Após passar por diversos questionamentos sobre a sua legitimidade, foi reconhecido pelo comando da corporação que as atividades desempenhadas pelo BPGE, eram de extrema importância para corporação e portanto, ele seria indispensável. Como

observado nos relatos acima, ainda existem dúvidas onde o BPGE se encaixa na estrutura organogramica da corporação, porém não resta dúvida sobre a sua importância no cenário atual que passa o Rio de Janeiro.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Busquei ao máximo informações fidedignas que pudessem enriquecer minha pesquisa, fiz minhas entrevistas através de um aplicativo de mensagens instantâneas para celular, Whats App, apesar de ser Oficial da corporação encontrei dificuldades em entrevistar alguns superiores, muitos simplesmente não responderam a minha solicitação e ignoraram as minhas mensagens. Todavia, ainda existem dentro da corporação pessoas que acreditam na capacitação e lutam pela busca do conhecimento.

O Batalhão de Policiamento em Grandes Eventos tem um pouco mais de um ano, é um batalhão jovem e sua doutrina ainda esta sendo escrita, o que temos de conhecimento técnico operacional hoje, esta com cada policial que integrou ou integra o batalhão. O conhecimento passado de boca a boca, vira um sabre sem críticas, o saber depende de um conhecimento sistematizado.

Enfim, as mudanças feitas pela PMERJ, relativo ao controle de multidões trouxe uma ação intermediária entre o acionamento da tropa de choque e o confronto com manifestantes, o BPGE preencheu uma lacuna existente no controle de multidões, porém se surtiu o efeito desejado? ainda é muito cedo para se fazer alguma análise a respeito...

De fato o Batalhão de Policiamento de Choque hoje desempenha outras funções de destaque na corporação, como o combate ao tráfico de drogas.

O detalhe inovador e muito questionável foi o fato dos policiais trabalharem sem arma de fogo, porém pela proximidade e a qualificação dos policiais viu-se que não seria necessário o armamento letal. Os policiais do BPGE foram especializados e qualificados para suportar todo tipo de provocação, respondendo as agressões de forma comedida e proporcional. Contudo, não é qualquer policial que pode trabalhar com gestão de multidão e sim a aquele que tem condições psicológicas para o desempenho da função específica.

Espero ter dado o primeiro passo para eternidade do Batalhão de Policiamento em Grandes Eventos, me sinto parte dele e sei que ele também tem parte de mim, deixei o meu suor e escrevo a minha história.

9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

_MUNIZ E PROENÇA. Mandato Policial Caderno CRH vol.23 no.60 Salvador Dec. 2010.

_MONET, Claude. Polícias e Sociedades na Europa: O fio da navalha. São Paulo, Ed. Universidade de São Paulo, 2006.

_KANT, Roberto. Administração de Conflitos, espaço público e cidadania: uma perspectiva comparada. Rio de Janeiro, Rv. Ciências sociais, 2001.

_CASTELLS, Manuel. Redes de indignação e de esperança. Ed. 1, Zahar 2013.

_MUNIZ E PROENÇA. Armamento é Direitos Humanos: nossos fins, os meios e seus modos, Soc. estado. vol.28 no.1 Brasília Jan./Apr. 2013.

_INTERMINISTERIAL, Portaria nº4226. Diretrizes sobre o uso da força pelos agentes de segurança pública, Rio de Janeiro, 31 de dezembro de 2010.

_PMERJ, Boletim da PM. Instrução reguladora do Batalhão de Policiamento em Grandes Eventos, Rio de Janeiro, nº 109, pp. 51-56, 18 de junho de 2014.

_DOERJ, Secretaria de Estado de Segurança. Resolução SESEG: criação do Batalhão de Policiamento em Grandes Eventos sem aumento de efetivo e de despesas, Rio de Janeiro, nº 738, 06 de Janeiro de 2014.

_ATUAÇÃO, Plano. Batalhão de Policiamento em Grandes Eventos. Rio de Janeiro, 04 de agosto de 2014.

_DAMATTA, Roberto. Você Sabe com Quem Está Falando? In. Carnavais, Malandros e Heróis. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.

_DAMATTA, Roberto. Cidadania: a questão da cidadania num universo relacional. In: A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1985.

_ONU, Código de Conduta. Boas Práticas para o policiamento de manifestações públicas. EUA, Anistia Internacional, 2013.

_PIRES, Lenin (2013). Entre notas e moedas: trocas e circulação de valores entre negociantes em Constituição. Horizontes Antropológicos (UFRGS. Impressos). V.19.

_MISSE, Michel (2006). As Ligações Perigosas: Mercado Informal Ilegal, Narcotráfico e Violência no Rio. In Crime e Violência no Brasil Contemporâneo. Rio de Janeiro: Ed. Lumen Juris.